

Aviso ao Brasil: desista do superávit.

Para o grupo American Express, o Brasil deve começar a pensar em levantar de US\$ 3 a 6 bilhões para equilibrar seu balanço de pagamentos.

O Brasil deveria desistir da esperança de conseguir um superávit comercial de US\$ 6 bilhões e, em vez disso, começar a pensar em levantar de US\$ 3 a 6 bilhões para equilibrar o balanço de pagamentos deste ano. É o que afirma a **Amex Bank Review**, publicada em Londres pelo grupo financeiro internacional **American Express**.

A revista, que prevê que o Brasil também não começará a beneficiar-se da queda no preço do petróleo antes do final do ano, afirma que os países da América Latina em geral enfrentarão um endividamento maior ainda, queda nas exportações e índices menores de crescimento, a menos que haja uma rápida e forte recuperação mundial.

"Todos os países estão sofrendo com a redução de exportações devida à recessão mundial e ao protecionismo crescente", afirma, acrescentando que "o ônus da dívida agora se avulta", com um aumento de 8% na dívida externa no ano passado. E destaca:

— O sistema bancário como um todo não quer ou não pode agora emprestar mais grandes somas, deixando os países com a dolorosa tarefa de cortar suas demandas de

capital estrangeiro e, portanto, inevitavelmente, seu crescimento.

A publicação comenta que o produto interno bruto (PIB) da América Latina caiu 0,9% em 1982, pela primeira vez em quatro décadas. Acrescenta que a verdadeira "colcha de retalhos" de ajuda internacional, como reescalonamentos, manutenção de linhas de crédito a curto prazo e ajuda do Fundo Monetário Internacional, "não pode oferecer muito mais do que alívio temporário".

A **Amex Review** diz ainda que, "quanto mais demorar a recuperação dos países industrializados (ou se a atual melhoria mostrar ser fraca), maior e mais profunda será a crise na América Latina", observando que os padrões de vida caíram muito na região, com diminuição da renda, aumento do desemprego e inflação média de 80%.

Fontes do setor financeiro londrino comentaram que a análise reflete a crescente preocupação dos meios bancários europeus com a situação dos países latino-americanos.

Enquanto isso, o vice-presidente da Comissão Européia (órgão executivo da Comunidade Econômica Européia), Etienne Davignon,

pediu aos países-membros da CEE sua aprovação para a concretização de um acordo com o Brasil quanto ao aço para este ano. Advertiu que, se demorar a assinatura de um acordo, isso poderia induzir o Brasil a acelerar a exportação de outros produtos siderúrgicos.

Os aviões

A inclusão dos aviões brasileiros **Tucano** na lista das possíveis compras da Força Aérea Britânica desencadeou críticas dos setores nacionalistas, segundo o **Daily Telegraph**.

O diário revelou ontem que os aviões de treinamento fabricados pela Embraer têm o atrativo de contar com um assento ejetável produzido pela firma inglesa Martin Baker. Contudo, afirma o jornal, a intenção de compra veio contradizer a política de **Compre britânico** que o governo conservador dizia defender.

A Embraer, acrescentou o diário, está produzindo 168 aviões para a Força Aérea Brasileira, 160 para a da Líbia, 80 para a do Iraque e provavelmente 150 para a do Canadá.